

POSFÁCIO

POR UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL ANTICAPITALISTA NA AMÉRICA LATINA

Henrique Tahan Novaes – UNESP Marília

Os capitalistas não têm mais nada, absolutamente nada a oferecer para a humanidade. Estamos vivendo uma nova fase do capitalismo, especialmente a partir dos anos 1970. A crise do capital, que veio pra ficar, é uma crise estrutural do capital, que levou os capitalistas a destruírem as parcas conquistas dos(as) trabalhadores(as) acumuladas no período anterior e, ao mesmo tempo, avançar rumo a campos e setores não totalmente mercantilizados.

Essa ofensiva do capital rumo a campos e setores ainda não totalmente mercantilizados provocou consequências drásticas na América Latina, entre elas a desestabilização política da região ao longo das últimas cinco décadas, o saqueamento e a expropriação de territórios em nome da produção de commodities para exportação.

Inúmeros relatórios têm nos mostrado os efeitos do “capitaloceno”, isto é, o papel da reprodução ampliada do capital na destruição das condições de vida na terra.

Alguns autores vão às profundezas da história do capitalismo comercial, ao mostrar o papel das grandes navegações do século XVI e o surgimento do capitalismo enquanto modo de produção, passando evidentemente pelos cercamentos de terras e pela “liberação” da força de trabalho para ser vendida. Outras autoras e outros autores se detêm no papel das três Revoluções Industriais impulsionadas pela burguesia industrial a partir de 1750, passando pelo carvão, motor a combustão, chegando ao papel destrutivo dos datacenters, já que são enormes consumidores de água.

A América Latina se tornou uma região privilegiada para entender as consequências do que se convencionou chamar eventos extremos: chuvas torrenciais, processos de desertificação, calor

insuportável, multiplicação de refugiados ambientais, acidificação dos oceanos, extermínio de ativistas ambientais, queima da floresta amazônica para produção de carne de boi, entre outros.

Curiosamente, em nome da criação de energias alternativas que irão “salvar o planeta”, regiões inteiras estão sendo saqueadas por grandes corporações transnacionais que saem em busca de minérios e terras raras, essenciais para a nova matriz energética.

O novo imperialismo – especialmente num contexto de decadência da potência hegemônica no século XX e de ascensão de um novo centro hegemônico, que se desloca para o leste, - trará profundas consequências para a América Latina. Somos um protetorado dos EUA, “América para os americanos”, ou, se preferirem, um quintal da potência norte-americana. Nesse contexto de conflito pelo controle da região, reservas de petróleo, minérios, terras raras, aquíferos se tornam essenciais na disputa intercapitalista.

Nessa nova fase do imperialismo, o chamado 3º Setor (Fundações, Institutos e Ongs), como braço do capital, ou “voz do capital”, sai defendendo a “preservação do meio ambiente”, como se isso fosse possível sem alterar radicalmente as relações sociais de produção e as forças produtivas engendradas pelos capitalistas.

Não são poucas as fórmulas para mudar o mundo vindas dos intelectuais pró-capital, mas acreditamos que as soluções capitalistas para os problemas criados pela reprodução ampliada pelo capital são extremamente limitadas e obviamente fogem de um diagnóstico radical da atual crise socioambiental que estamos vivendo. Não importa se a solução vem diretamente dos CEOs de grandes corporações ou de uma voz do 3º Setor, ela jamais conseguirá colocar corretamente o dedo na ferida do sociometabolismo destrutivo do capital e muito menos sinalizar alternativas radicais e abrangentes.

Contraditoriamente, o avanço destrutivo do capital na América Latina encontrou forte resistência por parte dos “velhos” e “novos” movimentos sociais tratados neste livro. Como uma região extremamente instável politicamente, muitos presidentes que traziam as profecias do neoliberalismo com um ar de solução para os problemas

clássicos da região, rapidamente, caíram ou foram questionados sobre as mudanças propostas.

No momento em que escrevo este posfácio, a Bolívia está em plena guerra civil. Movimentos sociais como os Sem Terra, Indígenas, Chico Mendes, Movimentos contra as mineradoras, atingidos por barragens, ribeirinhos, seringueiros travam lutas que mais se parecem a uma guerra civil para tentar resguardar o seu direito ao território e à vida. Será que esses movimentos sociais estão conseguindo ou conseguirão alterar radicalmente a agenda da educação ambiental?

A agenda de uma educação ambiental no Brasil teve grande impulso com a Rio 92, que, como não poderia deixar de ser, colocou o holofote nos indivíduos, e não na produção destrutiva. Segundo a Rio 92, o problema ambiental reside basicamente no comportamento dos indivíduos, que devem economizar água, reduzir, reciclar e reutilizar.

Já existem muitas pesquisas que demonstram os limites de campanhas e ações educativas centradas nos indivíduos.

Este livro que você agora tem em mãos contribui também para mostrar os limites de uma educação ambiental dentro da ordem.

Mesmo se adotarmos o perigoso viés do foco nos indivíduos, já é possível afirmar que não podemos colocar toda a humanidade no mesmo balaio. O 1% da população mundial, ou seja, bilionários e trilionários com seus jatinhos particulares, helicópteros, carros de luxo, padrões de consumo conspícuo e ostentatório são os verdadeiros poluidores. Na outra ponta, curiosamente da Rio 92 para cá assistimos às cenas de implementação de políticas neoliberais, que matam os(as) trabalhadores(as) de tanto trabalhar (e não há ser humano que agüente o atual padrão de exploração da força de trabalho), ignoram ou empurram com a barriga os problemas clássicos de saneamento básico e outras necessidades “bíblicas”, como casa, trabalho, alimentação e lazer. A agenda da educação ambiental, que talvez poderia ter um pequeno potencial crítico, rapidamente foi neutralizada, pois se tornou educação ambiental dentro de um contexto de implementação de políticas neoliberais, que vão desde a falência da formação de professores (controlada pelas universidades privadas) até a reforma do

ensino médio, que claramente destrói a escola pública e esvazia os conteúdos.

Concordamos com István Mészáros quando defende a necessidade de alterações concomitantes no complexo do trabalho e no complexo da educação. Sem isso, muito provavelmente não haverá uma reconexão metabólica entre seres humanos e a natureza externa.

Quem trabalha no complexo da educação pode cair na ilusão da autonomia total desse complexo e acreditar que, para mudar a sociedade, basta ter uma educação ambiental crítica, conscientizadora, problematizadora da realidade ou mesmo do desenvolvimento do ser. Da mesma forma, somente alterar o complexo do trabalho, tendo em vista a emancipação do trabalho do jugo do capital, não resolverá o problema, caso não ataquemos o complexo educacional simultaneamente.

Acreditamos que faz mais sentido combinar alterações radicais no complexo do trabalho e da educação. A educação sozinha não transforma o mundo, mas o trabalho emancipado sozinho também não muda a sociedade.

Muito bom ler este livro! Se não bastasse a riqueza de experiências tratadas, há nele um sentido maior, pois é fruto da cooperação entre pesquisadores do Brasil e de Cuba, especialmente da colaboração entre a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB/BR), a Universidade de Pinar do Rio (UPR/CUB) e a Universidade de Ciências Pedagógicas Enrique José Varona (UCPEJV/CUB).

Dois países que podem se tornar irmãos, universidades que estreitam seus laços e dialogam, produzindo a unidade cotidiana dos nossos países. Dois países estratégicos na construção de uma Grande Pátria latino-americana. Cuba uma imensa ilha que tentou e tenta, com todas as suas forças, em meio a embargos e sanções, construir sua autodeterminação. E o Brasil, triste Brasil, de dimensões continentais, violentado pelo extrativismo e neoextrativismo, por golpes militares e por profundos processos de saqueamento, que tenta também encontrar a possibilidade de achar o seu lugar ao sol.

Uma última nota é importante. Se é verdade que a classe trabalhadora argentina conseguiu no século XX se diferenciar em parte do resto da América Latina, infelizmente nos igualamos pelo que há de pior entre nós: aumento da miséria, pobreza, falta de condições mínimas de vida e de trabalho. Agora todos da América Latina nos tornamos iguais.

José Carlos Mariátegui observou no início do século XX as inúmeras semelhanças entre os países latino-americanos. Do México ao Chile, passando pelo Brasil, o sentido da colonização é praticamente o mesmo: extrair o máximo, mandar pra fora tudo que é produzido, usar mão de obra escravizada ou indígena e manter as massas na mais absoluta penúria. Será este novamente o “destino” da América Latina no século XXI?